

“No fim de maio de 1789, por officiaes e soldados pagos do regimento desta capitania se viu prender a várias pessoas, tanto da comarca de Vila Rica como da do Rio das Mortes, o que assustou o povo, devido a serem pessoas de carater e graduação e que na terra faziam respeito. Ignorava-se o motivo dessas prisões, o que levou o povo a fazer diversos juizos: uns alvitavam que era por causa do ouro de contrabando e outros, que por passagem de diamantes.

Passados alguns dias entrou a correr uma noticia surra-teira; a de que havia entre eles ajuste de um levantamento nestas Minas para serem depostos o governo e o general que as governa (ao qual haviam de matar, acrescentavam alguns); diversos ministros seriam corridos da capitania, devendo ficar governada como república pelos cabeças desta maldita idéia, que tudo fariam e disporiam à sua eleição, tanto no eclesiástico como no secular.

Havia quem dissesse que já tinham formado livro da lei que queriam estabelecer; porem, ainda ignoro as circunstâncias meudas da mesma, pois muita gente deste negócio não está esclarecida e os segredos principais só os sabem o general e o vice-rei e os ministros que tiram a devassa, há mais de dois meses. Consta por certo que alguns capitulos desse livro se referem aos filhos de Portugal, os quais, não querendo seguir o seu partido, seriam mortos até a idade de 60 anos, e aos demais seriam confiscados os bens.

Para execução desta bárbara lei, nunca vista no mundo, dizem que teriam os filhos a liberdade de matar seus pais e os escravos, seus senhores, obtendo, porisso, carta de alforria. Sua bandeira com armas próprias teriam os revolucionários e seus sequazes correriam diversos lugares onde houvesse fábricas; gritando viva a liberdade (este grito devia ser escrito na dita bandeira). A escravatura só reconheceria os preceitos ditados por eles e não os dos seus senhores. Cabia-lhes o direito de tomar contas de quantos cabedais e riquezas achassem, de rendas reais, dos cofres dos particulares, dos tribunais, a-fim-de poderem edificar o seu Estado e formarem exército para sua defesa.

Mais miudezas corriam, mas o exposto basta para os mais prudentes discursos julgarem os erros gravíssimos de tais criaturas e os prejuizos e desordens que todos haviam de sofrer, os quais se estenderiam ao Reino e mais partes da Europa, visto que esta terra se perdia e tudo quanto se devesse à praça do Rio de Janeiro e da Bahia e daí para esse Reino e mais partes.

Foi preso em Vila Rica o desembargador Gonzaga, sujeito de juízo muito agudo, que tinha servido de ouvidor na dita vila, administrando a justiça com boa retidão; pela sua capacidade tinha feito mercê Sua Majestade de o despachar para a Relação da Bahia. Estava justo para casar com uma filha do Tenente-general, que por várias vezes, interinamente, governou a capitania, autorizado pelo general Gomes Freire. Logo lhe sequestraram os bens. Recolheu a um segredo, donde saiu com bons guardas para a fortaleza do Rio das Cobras, (sic), no Rio de Janeiro; aí está em prisão estreita e segredo. O mesmo se pratica com os demais presos, ignorando-se se ficam no Rio, até Sua Majestade decidir o castigo, ou se irão para Lisboa.

Foi preso o Dr. Cláudio Manuel (da Costa), aquele grande juízo que havia em Vila Rica e em toda a matéria sabia dar solução. Tinha servido de secretário do general. Diz-se que em seu poder estavam alguns papéis ou livros referentes à dita lei, além de uns pasquins que, com bastante desaforo e sem justa causa, apareceram em público contra o general (homem cheio de muita bondade e isento de interesse). Passados alguns dias, foi achado morto na prisão, sendo entretanto ocultamente, fora de segredo.

Foi preso o Tenente-coronel Domingos de Abreu Vieira, sùjeito abundante de bens e de bom gênio, como todos afirmam, pois eu não o conheci, devido a ele ter vindo das Minas Novas do Fanado, no tempo do governo do Sr. D. Rodrigo, arrematar o contrato dos dizimos, que beneficiou com boa satisfação e sem vexar o povo. Ainda não tive quem me dissesse a causa da prisão deste bom homem, julgando-se que, por ser tão bom não conheceu o perigo em que os mais loucos e temerários o meteram; consta, porem, que estava encarregado de assistir com alguns provimentos de pólvora e chumbo.

Foi preso Luiz Vieira, cônego da cidade de Mariana. Dizem que a sua culpa se limita a terem-lhe achado um livrinho francês, relativo ao levante desta terra, no qual se diz que podiam os habitantes viver sobre si, sem dependência do comércio para o nosso Reino, à imitação do que fizeram os americanos aos ingleses.

Na Vila Rica prenderam mais algumas pessoas que, após maior ou menor demora nos segredos, foram soltas, por efeito de não se lhes achar culpa grave, segundo me consta até hoje. 30 de setembro (1789).

Passo agora a dizer da comarca do Rio das Mortes, que, para desconsolação dos seus comarcãos inocentes, ficamos mais deslustrados, sem embargo de não terem culpa os inocentes.

Foi preso o padre Carlos C. de Toledo e Melo, natural de Taibaté, (sic), comarca de São Paulo, vigário colado da vila de S. José, embora daqui já tivesse fugido e passado a serra. Toparam-no na altura do Rio das Pedras e aí o prendeu a esquadra de soldados, levando-o para os quartéis da casa da fundição da vila de S. João, com toda a cautela, mas sem violência de ferros. No dia seguinte foi levado para o Rio de Janeiro. O ouvidor sequestrou-lhe os bens, como aos outros presos. Dizem que este padre pensava, depois do levante, ser bispo desta capitania.

Se assim é, podemos julgar serem fumaças de paulistas.

Foi preso o sargento-mór Luiz Vaz de Toledo, irmão do padre. Chegara pobre com a família e se foi introduzindo até chegar ao posto de sargento-mór de auxiliares do distrito da vila de S. João, o que se deixou fazer em respeito ao padre. Tinha se oferecido ele para ser o algoz que havia de cortar a cabeça ao nosso general e mandar apresentá-la ao povo na praça de Vila Rica, segundo afirmaram pessoas nos seus depoimentos. Porisso, o general tinha empenho na sua prisão. Desta família foram presos outros, sendo soltos depois de algum segredo, porque o general, posto que muito ofendido, só castiga os que julga serem cabeças ou tenham culpa grave; não mostra paixão de vingança, mas porventura do lugar que ocupa não tem remédio senão proceder com castigo, como os tais merecem e é preciso para exemplo futuro.

Preso o Dr. Ignacio José de Oliveira Alvarenga, na rua da vila de S. José e assim vestido como estava, foi recolhido a prisão. Desta mandou pedir à mulher as cousas precisas para a viagem a fazer no dia seguinte para o Rio. O ouvidor sequestrou-lhe os papéis e enviou-os ao general, que estava em Vila Rica. Dizem alguns que este era um dos cabeças da sublevação e pretendia ser eleito para o 1.º lugar do governo. É possível que assim seja, pois o seu gênio é muito elevado: queria ser dos primeiros em tudo. Ora, não precisava subir aos pontos mais altos para ter estimação, visto que na terra gozava precioso respeito, por ele e pela mulher, filha do Dr. Silveira, conhecido pelo nome de Surdo. Porem, era homem que vivia sem governo e porisso, embora muito lucrasse, nada chegava para os seus desperdícios, apesar de ser senhor de boas fazendas no distrito da Campanha do Rio Verde, onde ocupava o melhor de 100 escravos. Há poucos dias me disse o ouvidor desta comarca que, devido a uma conta errada, devia ele 230.000 cruzados. Julgo que não deve mais, porque não lh'o queriam fiar.

O Coronel Francisco Antônio de Oliveira casado com D. Hipólita, esteve preso muito tempo na Vila Rica, antes de ir para o Rio. Depois de ter partido para lá, veio ordem ao ouvidor para lhe sequestrar os bens. Julga-se que está compreendido na culpa dos mais cabeças; o tempo mostrará a melhor certeza, porque no caso presente todos fogem de fazer palestras. Deixo agora aos prudentes discursos as máguas e os sentimentos de d. Hipólita criada com tanta grandeza e respeito, vendo que os bens que tanto custaram a ganhar a seus pais estão sequestrados, demais que a pobre miseravel padece, há mais de dois anos, grande moléstia de umas feridas que lhe vieram à garganta e lhe têm comido o céu da boca; muitas vezes tem sido julgada morta.

Preso o padre José Lopes de Oliveira, irmão do Coronel. Julga-se que o motivo da prisão será por ter sido sócio dos mais neste conluio; doutra culpa não se sabe.

Preso Joaquim Silvério dos Reis, sujeito que não é do tempo de V. Mercê e se introduziu como contratador dos dizimos no tempo do governo de D. Luiz da Cunha, queixando-se muitos de várias insolências que lhes fazia. Dizem alguns que este foi o inventor de toda esta máquina e que meteu aos mais nesta tragédia e depois foi denunciar ao General desta capitania e Exmo. Vice-Rei dizendo que lhe descobria um negócio de grande importância e muita utilidade de Sua Majestade, pelo qual lhe requeria prêmio ou perdão do que devia do contrato que trazia e era 270.000 cruzados ou 270 contos. A denúncia foi aceita e logo que a deu foi preso na fortaleza da ilha das Cobras. Dizem que o Vice-Rei a este e a outros presos já passara da dita fortaleza para a de Vila Galhão, devido a ser mais estreita e oprimida e nela haver maior cautela e segurança.

Preso no Rio o alferes Joaquim da Silva, que o era de uma das companhias pagas do regimento desta capitania. Entrou este louco na presunção de ser solicitador deste negócio pelo que passou ao Rio a convocar pessoas daquela praça para concorrerem a estarem prontos a ajudar esta ação.

Preso o Dr. João de Araujo, o qual também foi chamado à Vila Rica para perguntas e esteve alguns dias em segredo, no fim dos quais foi solto; passado algum tempo foi de novo chamado à Vila Rica e preso. Julga-se que será solto, pois até agora não foi para o Rio (já está solto).

Preso o Dr. Domingos Vidal, filho do Capitão Antônio Vidal até agora não foi para o Rio. Este sujeito foi à França, onde se formou. Querem dizer alguns que, pelos conhecimentos lá adquiridos, devia ele avisar a França deste levante das Minas,

servindo-se para tal do porto e da praça do Rio. Se assim é, não deixará de ter castigo rigoroso — eis o juizo do povo.

Acham-se mais alguns presos em segredo, em Vila Rica que foram desta comarca e ainda, de outras, mas são sujeitos de menos nome e não se sabe se serão soltos.

Esta ação determinou que do Rio viessem duzentos e tantos soldados de infantaria e oficiais até capitão. Mais vieram 300 e tal de cavalo com seus oficiais, dos que se occupavam no piquete do Vice-Rei. Estes conservam-se na praça de Vila Rica.

Vieram do Rio dois ministros com fama de bem exatos e prudentes e abundantes de ciência — um deles desembargador da Relação e o outro ouvidor da cidade. Foram em direitura a Vila Rica, onde se demoraram tempo bastante com devassa aberta e de lá passaram para esta comarca do Rio das Mortes a 15 de setembro. Também foram à vila de S. José e de lá partiram para o Rio.

Hoje, 30 de setembro, chega noticia do Tenente-Coronel Francisco de Paulo Freire de Andrada haver sido avisado, por ordem do General, para em três dias se aprontar com a família para ir para o Rio à presença do Vice-Rei; ele, porém, foi só, ficando a mulher e os filhos na casa do pai.

No mesmo dia foi recolhido à prisão seu cunhado José Alves Maciel, cuja prisão admira, pois é sujeito muito do palácio do General e mestre de seus meninos, tendo vindo com ele de Lisboa. O Capitão Brandão de uma das companhias pagas está preso; dizem que, estando no Serro, recebeu ordem para prender um padre, ao qual, por ser seu amigo, deixou fugir. Mais foi preso o padre José da Silva, filho do caixa de Serro Frio. Está em segredo em Vila Rica e breve irá para o Rio. Não se espera que tenha bom successo, visto dizer-se que é um dos cabeças.

São as pessoas que se têm prendido até agora e as noticias que a este respeito lhe posso dar. Do mais que houver, avisarei”.